

A religião na pós-modernidade.
Uma homenagem a Gianni Vattimo

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

13 maio 2025

Aprovado

20 maio 2025

Hermenêutica niilista e cristianismo em Gianni Vattimo

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves¹ , Felipe de Queiroz Souto² 

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para: P. S. L. GONÇALVES. E-mail: <paselogo@puc-campinas.edu.br>.

² Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. Grupo de Pesquisa Estudos em Teorias da Religião (ETER/CNPq). Juiz de Fora, MG, Brasil.

Como citar este artigo: Gonçalves, P.S.L.; Souto, F.Q. Hermenêutica niilista e cristianismo em Gianni Vattimo. *Reflexão*, v. 50, e15701, 2025. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e15701pt>

Resumo

Objetiva-se neste texto apresentar analiticamente a relação entre filosofia hermenêutica niilista e o cristianismo, da qual surgiu a formulação vattiminiana de “cristianismo não religioso”. Justifica-se esse objetivo por três motivos fundamentais. O primeiro é que Gianni Vattimo elaborou um programa filosófico, concentrado em seu *pensiero debole*, que denotava a crise da metafísica e a construção de uma filosofia hermenêutica niilista, a partir da qual desenvolveu a concepção de “cristianismo não religioso” e uma filosofia política efetivamente prática. O segundo é que Vattimo é um autor que se tem tornado fonte de estudos para pesquisadores(as) em Ciências da Religião e em Filosofia, tanto no âmbito internacional quanto nacional. O terceiro é referente à própria identidade pessoal, marcadamente cristã católica, desde a infância, e agregada, a seu modo, à vertente niilista da filosofia hermenêutica para refletir sobre o ser humano e o mundo. Para atingir esse objetivo, serão apresentadas as características fundamentais da filosofia vattiminiana, a pertinência de sua filosofia hermenêutica niilista para pensar o cristianismo e o modo como a religião se situa na pós-modernidade.

Palavras-chave: Cristianismo não religioso. Filosofia hermenêutica niilista. Gianni Vattimo. Religião.

Introdução

Objetiva-se neste texto apresentar a relevância de pensar a religião na pós-modernidade à luz do filósofo Gianni Vattimo, considerado um importante pensador do século XX e XXI.

Esse objetivo se justifica por três elementos fundamentais. O primeiro é que esse pensador italiano elaborou um programa de filosofia hermenêutica niilista, concentrando-se no conceito de *pensiero debole* e seus respectivos desdobramentos, dentre os quais estão as concepções de pós-modernidade e uma filosofia da religião que lhe possibilitou cunhar o conceito de “cristianismo não religioso”. Um programa filosófico que incidiu na práxis política desse pensador, já que se tornou deputado do Parlamento Europeu, conjugando essa militância com a filosofia, tendo elaborado uma filosofia política. O segundo elemento de justificativa é que esse pensador é fonte de investigações em estudos acadêmicos na Itália, em Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* da área 44 da CAPES, Ciências da Religião e Teologia

no Brasil, e em menor proporção, da área de Filosofia, além de possuir repercussão no âmbito internacional, incluindo países da América Latina, especificamente a Argentina e a Colômbia. O terceiro elemento é que Vattimo se pôs a pensar a religião a partir de sua própria identidade pessoal, marcadamente cristã católica, desde sua infância, com participação diária na missa, na oração do breviário e no seguimento das prescrições disciplinares e morais, e da Ação Católica, tão incentivada pelo Papa Pio XI na época da juventude de Vattimo.

Para atingir esse objetivo, serão apresentadas as características fundamentais da filosofia vattiminiana, a pertinência de sua filosofia hermenêutica niilista para pensar o cristianismo e o modo como a religião se situa na pós-modernidade. Espera-se que o leitor se insira na problemática que permeia todo o dossiê de homenagem a esse pensador italiano, falecido em 19 de setembro de 2023, recepcionando e pondo-se a pensar a religião na pós-modernidade.

Características fundamentais da filosofia vattiminiana

Gianni Vattimo (1936-2023) era um italiano de Turim, tendo sido educado em uma família católica, com participação ativa na Igreja desde sua infância, frequentando diariamente a missa e rezando assiduamente a Liturgia das Horas, fiel aos ensinamentos do Papa, inclusive no âmbito de um catolicismo social, que encontrava o seu fundamento no neotomismo, especialmente o humanismo integral de Jacques Maritain. Assim sendo motivado pelas leituras que fazia do filósofo francês, Vattimo ingressou no curso de Filosofia da Universidade de Turim, onde teve como mestre Luigi Pareyson, um ícone da filosofia hermenêutica italiana e muito próximo de Hans Georg Gadamer, exímio filósofo da hermenêutica. Foi seu mestre que o levou às ideias de Friedrich Nietzsche (1855-1900) e Martin Heidegger (1889-1976), os quais, por possuírem em comum uma filosofia da ação ou da práxis, ele identificou com o pensamento maritainiano, que conduzia a um humanismo cristão denominado de humanismo integral, por preocupar-se com o ser humano inteiro.

A maior preocupação de Vattimo no desenvolvimento de sua filosofia foi a crise da metafísica, anunciada por Nietzsche na sentença da “morte de Deus” articulada ao projeto heideggeriano de “superação da metafísica”. Nesse sentido, o “Deus que morreu” é o Deus da metafísica objetivista, que identificou Deus e que estabeleceu um processo de fundamentação da vida humana e da concepção do cosmos ao longo da tradição filosófica. Por isso, Vattimo acolheu a constatação heideggeriana de que o ser foi esquecido pela metafísica, ao ser confundido com o ente, prevalecendo uma “ontoteologia” que entifica Deus, o ser humano e o universo.

Ao articular a sentença nietzschiana da “morte de Deus” com o projeto heideggeriano de “superação da metafísica”, Vattimo alcança algo muito original em sua formulação filosófica: o *pensiero debole*. Por *pensiero debole*, Vattimo compreende o enfraquecimento do ser nas estruturas institucionais, nas formulações conceituais e na própria concepção de verdade. Trata-se de uma forma de pensar que remete filosoficamente à hermenêutica, que possibilita compreender e interpretar, deixando sempre a expressão da verdade, aberta às novas possibilidades de expressão. No entanto, esse *status spiritualis* filosófico não se coaduna com a modernidade positivada cientificamente, mas aponta para a pós-modernidade, marcada por um espírito paradoxal de ruptura e continuidade com a modernidade. Nesse sentido, a pós-modernidade denota o fim das grandes narrativas e o início das metáforas, da abertura linguística, das estruturas flexíveis e nômades. Por isso, a pós-modernidade não é superação da modernidade, mas o seu paradoxo ou

propriamente a explicitação de que o ser está enfraquecido. E é nesse contexto de uma ontologia fraca e, por conseguinte, de uma debilidade do ser, que Vattimo alude a uma “filosofia da manhã”, que ultrapassa os conceitos estabelecidos ao longo da tradição, para evidenciar uma “ontologia da atualidade” e, por conseguinte, uma filosofia que esteja atenta à epocalidade do ser. Decorre desse espírito a pertinência e a relevância da edificação de um programa filosófico de uma hermenêutica niilista, que busca compreender e interpretar o ser em sua fraqueza, presente na epistemologia aberta, na estética, na recomposição da metafísica e, por conseguinte na reconfiguração das concepções de Deus, do ser humano e do mundo.

Diante do exposto, cabe então perguntar: o que significa uma hermenêutica niilista? A hermenêutica se preocupa com o sentido do ser, pois é proveniente da história da metafísica e de seu fim. A tese heideggeriana sobre a diferença ontológica entre ser e ente está no foco dessa preocupação: por muito tempo a metafísica esqueceu-se da diferença entre ser e ente e postulou o ser como o ente. Esse movimento conferiu novos termos para se dizer o “ser como ente”: ente supremo, primeiro motor, razão, *subjectum*, princípio, Deus, entre outros. A saída que Heidegger encontrou para esse problema foi compreender o ser mediante um processo de constituição de uma ontologia fundamental, que partir da *Faktische Lebenserfahrung*, passou pela analítica existencial e configurou-se como *Ereignis*, o acontecimento-apropriativo. Dessa forma, o ser acontece na historicidade humana mediante as heranças que o ser humano recebe de sua tradição. Deste modo, o ser não é um ente dado pela simples presença, mas um evento, um acontecimento para ser apropriado pelo ser humano.

A consequência dessa tese heideggeriana é o desenvolvimento da hermenêutica como aquela que fala, também, sobre o “sentido do ser” (Vattimo, 1999, p. 25). No entanto, com Vattimo, a hermenêutica ganha uma tonalidade niilista a partir de suas leituras de Nietzsche, pois o filósofo defende a necessidade de se voltar ao esquecimento da metafísica para recuperar o ser esquecido. Esse retorno está guiado pelo niilismo. Com isso, não se quer pensar o ser novamente como simples presença, mas em sua ação de dar-se (*es gibt*) “como suspensão e subtrair-se” (Vattimo, 1999, p. 26). Na obra *A vocação niilista da hermenêutica*, Pieper (2007, p. 12) explica esse movimento que Vattimo faz em sua hermenêutica:

O niilismo é a história do enfraquecimento do ser, de forma que, no final da metafísica do ser como tal, já não resta mais nada. Partindo de Nietzsche e Heidegger, Vattimo reconhece na história da metafísica certa tendência ao niilismo. A pergunta pelo ser, que o transformou em ente, tende à dissolução deste ser entificado nas suas formas mais sagradas e absolutas. Tudo é considerado elevado e deflacionado na história da metafísica. É neste sentido que Heidegger entende, e Vattimo concorda, que a essência da metafísica é o niilismo. Como em Vattimo o niilismo supera a metafísica, é possível conceber a história do Ocidente como direcionada para o enfraquecimento das estruturas fortes da metafísica, levando à sua superação. Em suma, no niilismo de Vattimo, o destino do ser ainda ocupa lugar importante. No entanto, já não é mais o ser metafísico, mas o ser como evento.

O niilismo como história do esquecimento do ser significa que o ser enquanto ente foi constantemente esquecido pela metafísica, foi negado, tornou-se um “nada”. A metafísica ocidental, embora pensasse que estivesse falando sobre o ser, na realidade estava falando sobre o ente, e do ser nada foi dito, pois dele já não restava mais nada. Enquanto para Heidegger o niilismo aparece como o limite da metafísica, Vattimo pensa a superação desta por meio do niilismo. Assim, para Vattimo, o niilismo é a chance (Vattimo, 2002) que temos de saltar para fora do pensamento metafísico e iniciarmos uma outra época que traga consigo um outro pensamento. Afinal, numa direção explicitamente niilista (e anárquica), Vattimo escreve: “o ser não é fundamento, qualquer

relação de fundação se dá já sempre no interior de uma época do ser, mas as épocas como tais são abertas, e não fundadas, pelo ser” (Vattimo, 2002, p. 115). A abertura de uma época ocorre por meio do modo “como” – “Wie” – o *Dasein* apreende sua tradição, a interpreta e constrói seu mundo a partir disto. A época não é tão somente aberta pelo ser, como também pelo próprio *Dasein*.

Nesta direção, a hermenêutica niilista de Vattimo não afirma qualquer fundamento, pois não assume o ser como ente. Partindo deste ponto, também não podemos assumir nenhum outro ente como ser, quer dizer, não podemos mais afirmar que a razão, Deus, o primeiro motor, o princípio e outros são fundamentos. No limite, esses termos são nomes com os quais o *Dasein* constrói sua interpretação da história e sobre os quais edifica seu mundo. Em sentido nietzscheano, esses termos são fábulas (Nietzsche, 2014). A fábula não é algo que não existe ou que conta uma história qualquer. A fábula é a história na qual nós habitamos e pela qual compreendemos o mundo (Vattimo, 2002, p. 3), sendo uma abertura do ser, mas sabemos que muitas outras aberturas podem ser colocadas em seu lugar. Sabemos que o ser se diz em muitas fábulas. O que isso denota é que o problema com o qual estamos lidando é um problema da linguagem. A hermenêutica niilista nos faz tomar consciência de que estamos a todo o momento construindo fábulas e habitamos nestas fábulas, mas sabemos que são fábulas.

Assim, tendo em vista o horizonte da hermenêutica niilista e a aceitação da fábula, como podemos pensar a religião? Essa questão atravessou as obras de Vattimo, sobretudo a partir dos anos noventa. O filósofo italiano fala de religião pensando estritamente no cristianismo e identifica que há um nexo entre a mensagem cristã e o niilismo que pode ser visto nos conceitos neotestamentários de *kénosis* e *caritas*. É nesta perspectiva que abordaremos o cristianismo no próximo tópico.

O cristianismo no horizonte da hermenêutica niilista

Ao comentar a obra de Nietzsche em seu livro *O sujeito e a máscara*, Vattimo (2017) observa que aquilo que o filósofo alemão chamava de “doença histórica” poderia ser superado por meio da arte. A “doença histórica” é a marca da *ratio* moderna, é a forma de conceber a história como simples historiografia de fatos ocorridos e que estão petrificados numa determinada interpretação, assim, a “doença histórica” é marcada por um excesso de informações que o ser humano moderno recebia (e que igualmente recebemos hoje), o que o torna incapaz de tomar qualquer ação diante do mundo, justamente porque não consegue desenvolver nenhum tipo de consciência histórica sobre sua época. Nietzsche advogava que a arte era uma forma de sair deste estágio (que é também niilista), já que ela libera a criatividade dionisíaca e é uma potência eternizante, isto é, uma forma de ação da vontade de potência que permite a transcendência da finitude. Ao lado da arte, Vattimo também põe a religião: “Só se pode sair dessa situação recuperando a capacidade de delimitar um horizonte: para tanto, é preciso utilizar algumas potências eternizantes, como a arte e a *religião*, que afastam o olhar do devir e restituem a capacidade de agir” (Vattimo, 2017, p. 77, grifo nosso). Não temos tempo para desenvolver as relações entre metafísica e historiografia, embora seja visível a historiografia como a narrativa única sobre a realidade que depende de uma metafísica bem delimitada ou objetivista, o que em termos nietzschianos podemos chamar de *ratio*. A questão que se põe é: em que medida a religião é uma possibilidade de saída da metafísica e de superação da “doença histórica”? Nietzsche não pensou a religião nestes termos, mas Vattimo a pensa. *A religião restitui a capacidade de agir*.

Pensar a religião nesta direção permite-nos conectar a religião àquela interpretação heideggeriana do “como” – “Wie”, isto é, da forma como o *Dasein* vive sua existência

fundamentando-se em uma compreensão da religião que o afeta. Esse “como” delimita o modo de acesso do *Dasein* aos entes, já que, de acordo com o próprio Heidegger em *Ser e tempo*: “O *Dasein* é cada vez o que ele pode ser e como [wie] ele é sua possibilidade” (Heidegger, 2012, p. 409). Quer dizer, o “como” é a possibilidade de o *Dasein* acessar os entes e compreendê-los em seu horizonte. Em *Fenomenologia da vida religiosa*, Heidegger explica esse “como” relacionando-o a outro conceito: a experiência fática da vida. Ele afirma:

O importante é que a experiência fática da vida se torne acessível. Pode-se apenas caracterizar o jeito e a maneira, ou seja, o como [Wie] do experimentar de cada mundo. Isso significa que é possível perguntar pelo sentido de referência [Bezugssinn] da experiência fática da vida. É questionável se o como, a referência àquilo que é experimentado, o conteúdo, é determinado e como ele se caracteriza (Heidegger, 2014, p. 16).

Com isso, o que queremos evidenciar é que a experiência fática da vida só pode ser experiência na medida em que o *Dasein* experimenta o mundo a “seu modo”; não no sentido de que é uma experiência banalizada, mas no sentido de que ele é atravessado pela experiência ao mesmo tempo em que a atravessa. Pelo “como”, o *Dasein* vive uma experiência que é a experiência mesma já interpretada por ele. Essa interpretação levará Heidegger a desenvolver uma leitura própria de Agostinho e das cartas do Apóstolo Paulo e, nos dois casos, ele antecipa a temática da temporalidade que virá a ser o ponto axiomático de *Ser e tempo*. Vattimo não segue exatamente a via da *Fenomenologia da vida religiosa* para falar de religião, embora o último capítulo de Depois da cristandade intitulado *Hos mé: Heidegger e o cristianismo*, traga uma leitura na qual o filósofo intérprete a questão da temporalidade por meio da interpretação que Heidegger faz das cartas de Paulo (Vattimo, 2004). O que Vattimo chama a atenção em seu texto é que o que lhe parece significativo é “a temática de *Sein und Zeit*, e também aquela do Heidegger mais maduro, que explicita a ideia da metafísica como esquecimento do ser, e que aparece na sua conexão essencial com a reflexão sobre a experiência cristã” (Vattimo, 2004, p. 152). Vattimo (2018b) defende que há uma conexão direta entre a interpretação de Heidegger sobre o tempo com a experiência cristã da fé vivida, essa temática reaparece em outros textos do autor ao lado de outras temáticas mais essenciais em *Essere e dintorni*.

Mas, em que medida a temporalidade se relaciona com a religião para Gianni Vattimo? Quando o filósofo comenta a obra de Heidegger, ele identifica o uso dos conceitos de *παρουσία* (*parusia*), *ἐγένετο* (*eghéneto* – já) e *γενέσθαι* (*ghénesthai* – ainda não). O Apóstolo Paulo afirma na Carta aos Tessalonicenses que a vida cristã é marcada pela *θλίψη* (*thilipsis* – tribulação). Essa condição traz angústia ao ser humano que vive uma vida na temporalidade, pois a tribulação revela a falta de estabilidade do cristão diante da vida. A saída para resolver esse problema (que é, na verdade, indissolúvel) é a afirmação da *παρουσία* como atualização constante da presença do Messias, quer dizer, é a antecipação no *aqui* e no *agora* da existência da presença do Messias como aquele que salva o ser humano desta *θλίψη*. Esta antecipação é a vivência do *ἐγένετο*, mesmo que seja um *γενέσθαι*. O sentido do último capítulo de *Depois da Cristandade* mora no entrelaçamento destes conceitos com a expressão paulina do *ὡς μὴ* (*hos mé* – como se): a vida cristã é uma experiência fática que vive antecipando a chegada do Messias na temporalidade (Vattimo, 2004, p. 155). O cristão vive como se o Messias estivesse presente. Esse “como se” também é um modo de experimentar a facticidade, conforme estávamos discutindo com Heidegger anteriormente, e se conecta diretamente à afirmação vattimiana inspirada por Nietzsche de que a religião restitui a capacidade de agir. O modo como a religião é vivida delimita a ação humana no mundo.

Vattimo articula seu pensiero debole com o cristianismo a partir das categorias de *caritas* e *kénosis*. Esses dois conceitos não possuem diretamente uma relação com a interpretação

heideggeriana do $\omega\varsigma \mu\eta$ do Apóstolo Paulo, mas aqui podemos apresentar algumas possíveis formas de abrir a investigação nesta direção. Vattimo interpreta a *kénosis* a partir da carta paulina aos Filipenses (2, 4), na qual a ideia de *kénosis* significa o esvaziamento de Jesus de toda a sua condição divina e a conseqüente descida dos céus para habitar a história humana. Para Vattimo, essa passagem comunica uma outra forma da revelação divina que ocorre na historicidade e não mais no plano etéreo das modalidades metafísicas, já que a *kénosis* significa “a inabilitação de todas as características transcendentais, incompreensíveis, misteriosas” (Vattimo, 2018a, p. 52). Com esta compreensão, Vattimo ainda conecta a *kénosis* à sua ontologia do enfraquecimento e ao conceito moderno de secularização. Enquanto no primeiro caso a *kénosis* significa a tradução cristã do enfraquecimento do ser na história da metafísica e, por isso, o niilismo presente no cristianismo; no segundo caso ela se refere a uma progressiva dissolução dos conteúdos da metafísica que o cristianismo vem operando durante toda a história do Ocidente, já que é o cristianismo o seu fio condutor (Vattimo, 2004; 2018a). Em *Depois da cristandade*, Vattimo escreve: “Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a *kénosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação” (Vattimo, 2004, p. 35). Nestes termos, a secularização se mostra como a outra face do cristianismo (Gonçalves, 2018) e, por isso, a atuação e a vivacidade do cristianismo na contemporaneidade. A *kénosis* evoca a atualidade da religião cristã para o Ocidente.

Em que medida a *kénosis* evoca a atualidade do cristianismo? Na medida em que ela se mostra como a face niilista que atua no interior do cristianismo debilitando todas construções metafísicas (Pieper, 2007; Vattimo, 2018a). O fiel cristão que vive na contemporaneidade e, portanto, espera o Messias mediante a tribulação e antecipa sua chegada por meio da fé, é aquele que atualiza a mensagem do cristianismo de modo kenótico, isto é, o cristão é chamado a uma atitude de simultânea desconstrução e construção do Evangelho e dos dogmas eclesiais, é um modo de ser cristão “anárquico”, como Vattimo mesmo escreve em *Crer que se crê* (Vattimo, 2018a, p. 101). E o *modus operandi* da *kénosis* é a *caritas*, a abertura à pluralidade e à novidade que advém com as inúmeras possibilidades de compreensão do mundo. Se a *kénosis* debilita a verdade como uma interpretação rígida, a *caritas* torna possível um outro paradigma de verdade que não se estabelece na metafísica, mas no diálogo entre os sujeitos que interpretam o mundo. A *caritas* é o fundamento hermenêutico, mesmo que o mesmo fundamento – *Grund* – seja o não fundamento – *Abgrund* – ou propriamente o mais fundo ou o abismo. Pensar nesses termos nos permite alargar a compreensão do cristianismo e sua atualidade, a fim de compreender até que ponto ele pode conviver numa sociedade plural.

A contribuição de Gianni Vattimo aos estudos de religião

Quais possibilidades de pesquisa a filosofia de Gianni Vattimo suscita para as Ciências da Religião? Em primeiro lugar, é importante considerar que a aderência do pensamento de Vattimo aos núcleos de estudo de religião no Brasil é maior do que aos núcleos de filosofia, isso significa que o autor tem “algo a dizer” para as Ciências da Religião. Em segundo lugar, devemos ter em conta que as Ciências da Religião se constituem com um espírito hermenêutico e, por isso, realizam a interpretação dos fenômenos religiosos, seja de um ponto de vista *insider*, seja *outsider* ou outras possibilidades de aproximação. Assim, a filosofia hermenêutica de Vattimo pode ajudar a compor o quadro epistemológico dos estudos de religião.

No entanto, sem dúvidas, sua interpretação acerca da secularização como processo que se inicia no Ocidente por meio do cristianismo é uma das teses mais centrais de seu pensamento e que pode abrir as discussões para um cristianismo secularizado. Isso significa que o cristianismo não se fecha na institucionalidade, mas se abre às diversas práticas que brotam da “leitura espiritual do evangelho”, conforme a evocação que Vattimo faz de Gioacchino di Fiore. O efeito prático desta interpretação é um cristianismo que não promove nenhum tipo de intolerância ou supremacia, mas se põe no ambiente plural do diálogo e pode conviver com outras culturas. Aqui, cabe perguntar ao próprio Vattimo: em que medida o cristianismo pode protagonizar o ecumenismo, o comunitarismo e o diálogo inter-religioso, sem que esse protagonismo soe como soberba, mas como expressão de uma secularização denotativa de que a religião se experimenta estando *in mundi*, em contexto de pluralismo evocativo de respeito, liberdade e efetividade da dignidade humana?

Outro ponto a ser considerado é que as teses vattimianas auxiliam na construirmos de uma reflexão mais qualificada sobre a permanência de um cristianismo não institucional e não confessional, beirando até mesmo as argumentações éticas da mensagem cristã. Ao entender a cristandade como o encontro do cristianismo com a metafísica, Vattimo quer emancipar a mensagem evangélica das amarras da metafísica objetivista gerada no Ocidente. O que pode produzir um cristianismo sem metafísica? Quais são seus limites e suas abordagens? Em certa medida, esse também é um tipo de cristianismo livre da vontade de poder, por isso, também livre da violência. É um cristianismo fraco e incapaz de ser aliado de projetos políticos autoritários e imperialistas, como quis a cristandade, ainda que em sua fraqueza possa buscar formas alternativas de institucionalidade. É aqui que a religião, e principalmente o cristianismo que se encontra na esfera da análise filosófica vattimiana, se situa na pós-modernidade: uma religião fraca em função de uma ontologia enfraquecida.

Considerações Finais

Essas ponderações que surgem neste editorial querem mostrar a abrangência que o pensamento de Vattimo tem e apontar caminhos que ainda temos para desenvolver nossas pesquisas em torno da obra de um autor tão atual e instigante. Com nossa breve introdução ao pensamento de Vattimo e sem querer avançar com uma teorização sobre seus conceitos, queremos mostrar ao leitor e à leitora que os artigos disponíveis neste dossiê dialogam com os assuntos contemporâneos mais urgentes, seja quando falamos da permanência e do significado da religião, seja quando falamos da prática política e sua relação com o discurso religioso.

A contribuição de pesquisadores brasileiros denota a presença das ideias de Vattimo nos departamentos e Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* de Filosofia, Teologia e Ciências da Religião no Brasil, assim como a contribuição de pesquisadores internacionais nos mostra em que medida o pensamento de Vattimo possui capilaridade e se desenvolve em distintas perspectivas ao redor do mundo.

Somos gratos a cada autor e autora que contribui para esse dossiê e nos ajuda a dialogar internacionalmente com os temas que Gianni Vattimo trabalhou durante sua vida e a ver como eles ainda possuem relação com nosso mundo contemporâneo.

Referências

Gonçalves, P.S.L. Religião e ética no cristianismo não religioso: uma abordagem a partir de Gianni Vattimo. *Pistis & Praxis*, v. 10, n. 2, p. 244-268, 2018.

- Heidegger, M. *Fenomenologia da vida religiosa*. Tradução de Enio Paulo Gianchini, Jairo Ferrandin e Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2014.
- Heidegger, M. *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.
- Nietzsche, F. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Pieper, F. *A vocação niilista da hermenêutica: Gianni Vattimo e a religião*. 2007. 267 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.
- Vattimo, G. *Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?*. Tradução de Klaus Brüsckke. Petrópolis: Vozes, 2018a.
- Vattimo, G. *Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso*. Tradução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Vattimo, G. *Essere e dintorni*. Milano: La nave di Teseo, 2018b.
- Vattimo, G. *O Fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Vattimo, G. *O sujeito e a máscara*. Nietzsche e o problema da libertação. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis: Vozes, 2017.
- Vattimo, G. *Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a Filosofia*. Tradução de Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.